

Identidade Conversa e a *Historia de Rut* (1627) de João (Moshe) Pinto Delgado*

F L O R B E L A V E I G A F R A D E

Bolseira de pós-doutoramento da FCT
CHAM – FCSH/UNL; Universidade dos Açores
fveigafrade@netcabo.pt

Resumo: João Pinto Delgado pertencia a uma família cristã-nova de poetas e escritores; eram também contratadores para o abastecimento das praças do Norte de África. Apesar disso, a sua vida em Portugal complicou-se, conduzindo a família ao exílio. A sua obra *Poema a la Reina Ester, Lamentaciones del Profeta Jeremias, Historia de Rut y Otras Poesias* (1627) dedicada a Richelieu possui um carácter paralitúrgico e aponta para uma mensagem de e para os conversos através da escolha das temáticas abordadas. A obra entendida como o caminho dum peregrino vai desde a salvação do Povo, passa à lamentação pela queda do Templo, conduzindo à união através de Rute, a conversa, e ao rei messiânico David, terminando a obra com poesias dedicadas à saída do Egipto e ao retorno à Terra Santa. É um caminho pessoal e colectivo marcadamente messiânico.

Palavras-chave: João Pinto Delgado, Literatura religiosa, Judaísmo.

Abstract: João Pinto Delgado belonged to a New-Christian family of writers, poets and even king nominees who supplied the North African fortresses. However his life in Portugal was not trouble-free and the family had to find refuge in exile. His book *Poema a la Reina Ester, Lamentaciones del Profeta Jeremias, Historia de Rut y Otras Poesias* (1627) was dedicated to Richelieu and has a paraliturgical character. His choice of themes points to a message from and to the converses. Viewed as a pilgrim's path, his work ranges over the people's salvation, lamentations for the fall of the Temple, the union of the people through to Ruth, the convert and David the messianic king, and finally the poems dedicated to the exodus from Egypt and the return to the Holy Land. It is as a personal and collective path search, essentially messianic in nature.

Keywords: João Pinto Delgado, Religious literature, Judaism.

* Este estudo baseia-se numa comunicação feita em Janeiro de 2011 na Hebrew University em Jerusalém. Por decisão da autora, o texto não segue o Acordo Ortográfico de 1990. Pela sua inacessibilidade, não foi utilizada a obra de A. D. Fishlock – *A Critical Study of the Poems of João Pinto Delgado, published at Rouen in 1627*. Londres: Universidade de Londres, 1952.

Percurso de vida de João Pinto Delgado

João Pinto Delgado nasceu em Vila Nova de Portimão¹ por volta de 1580 herdando o nome do avô paterno, com o qual é por vezes confundido² e terminou os seus dias no ano de 1653 em Amesterdão onde foi sepultado³ com o nome de Moshe Pinto Delgado.

O seu avô homónimo, João Pinto Delgado⁴ (c. 1540 – c. 1590) foi mercador em Lisboa na década de 1560 onde, depois de estar envolvido em negócios de mercadorias defesas pelas ordenações, recebeu um perdão régio⁵, posteriormente – desde 1579 e por espaço de oito anos⁶ – foi feitor da cal e das munições que do Algarve iam para as praças do Norte de África⁷ e mais tarde teve como cargo o provimento da gente que em 1587 foi em socorro da cidade de Lagos⁸.

O pai do nosso poeta, Gonçalo Delgado (c. 1563-1635)⁹ parece ter estado, pelo menos durante a década de 1580, na Flandres conforme uma denúncia feita na Inquisição de Lisboa em 1585 por Baltazar da Costa¹⁰ reportando-se a acontecimentos que teriam ocorrido cerca de 1582 em Antuérpia. Segundo esta denúncia, um cristão-novo chamado Gonçalo Delgado – filho de João Pinto do Algarve, um grande trovador com ofícios de nomeação régia – dizia-se judeu durante a sua estada em casa do tio na cidade do Escalda. Casou entretanto em Antuérpia e voltou ao Reino com sua mulher por ter sido chamado por seu pai.

O retorno de Gonçalo Delgado ao Reino parece estar relacionado com o muito provável apoio de seu pai, João Pinto Delgado, à União Ibérica permitindo-lhe

1 Cf. I. S. Révah – Autobiographie d'un Marrane: édition Partielle d'un Manuscrit de João (Moseh) Pinto Delgado. *Révue des Études Juives*. 119 (1961), p. 47; KRS – João Pinto Delgado. In *Enciclopédia Judaica*. Disponível em <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/5059-delgado-juan-moses-pinto> [consultado em 04/07/2013].

2 Cf. Barbosa Machado – *Bibliotheca Lusitana*. Tomo II. Lisboa: Oficina Ignacio Rodrigues, 1747, p. 722. Este autor considera João Pinto Delgado, falecido por volta de 1590, provedor da pedra que se enviava para Mazagão; para além de escritor da obra *Poema de la Reyna Ester* (atribuído ao neto) também traduzira Petrarca em oitava rima portuguesa; estivera em Roma e Flandres onde deixou memória devido ao seu engenho como poeta.

3 Cf. João (Moseh) Pinto Delgado – *Lamentaciones del Profeta Jeremias: estudo, introdução, edição e notas de Jacobo Israel Garzon*. Madrid: Hebraica Ediciones, 2008, p. 19.

4 João Pinto Delgado (1540-1590) foi feitor da cal e das Munições das Praças do Norte de África e mais tarde encarregue do aprovisionamento das tropas do Algarve. Cf. I. S. Révah – Introdução. In João Pinto Delgado – *Poema de la Reyna Ester, Lamentaciones del Profeta Jeremias, Historia de Rut y Varias Poesías*. Lisboa: Institut Français au Portugal, 1954, p. XIV; I. S. Révah – Autobiographie d'un Marrane..., p. 47-48.

5 Cf. ANTT, *Chancelaria de D. Sebastião. Perdões e Legitimações*, Livro 1, fl. 156.

6 Cf. Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado*. Lisboa: Tipografia da Academia das Ciências, 1910, p. 30 (doc. 4). O cargo foi desempenhado entre Outubro de 1579 a Julho de 1586, segundo a carta de quitação, mas parece ter sido feitor por mais dois anos de acordo com a carta de nomeação do filho Gonçalo Delgado.

7 Cf. Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 9; 28-29 (doc. 2).

8 Cf. Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 31 (doc. 5).

9 A data de nascimento foi calculada com base no inquérito feito pela Inquisição de Lisboa entre 1613-1614, Cecil Roth aponta 1560-1635 em *Les marranes à Rouen: un Chapitre ignoré de l'histoire des Juifs de France*. Paris: imp. H. Elias, 1929, p. 118, n. 2.

10 Cf. Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 27 (doc. 1); I. S. Révah – Introdução..., p. XVI-XVII.

manter as suas prerrogativas no Algarve e garantir um futuro aos seus descendentes. Nos primeiros anos após a União Ibérica, João Pinto Delgado conseguiu o favor do duque de Medina Sidónia, Alonso Pérez de Guzman el Bueno y Zuniga (1550-1615), junto do rei no sentido de o seu filho lhe suceder como feitor da cal e das munições. De facto, a intervenção do duque vem mencionada na sua carta de nomeação¹¹.

Por mais de sete anos Gonçalo Delgado desempenhou o ofício antes de ser nomeado, voltando muito provavelmente a desempenhar o mesmo cargo após a nomeação régia datada de 1599. Por conseguinte, durante a década de 1590 e inícios de 1600 quem estava à frente deste cargo estratégico era Gonçalo Delgado, garantindo a defesa do território português que se estendia às praças no Norte de África sob seu domínio.

Para além de garantir as munições em tempo de possíveis confrontos em várias frentes, principalmente em terras norte africanas de jurisdição portuguesa, Gonçalo Delgado possuía uma veia poética assentando-lhe como uma luva a designação de grande trovador. É apontado como autor dum poema em oitava rima intitulado *A Violenta irrupção feita pelos Inglezes no anno de 1596 saqueando, e abrazando a Cidade de Faro* dedicado a Rui Lourenço de Távora governador do Algarve¹² de que existe uma cópia manuscrita na Biblioteca Nacional de Viena¹³.

Tendo em conta a importância dos Delgado no sul de Portugal e nas praças do Norte de África não será de estranhar que, em 1602, um João Pinto Delgado – que parece ser identificável com o filho de Gonçalo Delgado – seja nomeado almoxarife dos mantimentos e pagamentos de Mazagão tendo em atenção os mais de sete anos que serviu com seu cavalo e armas nas praças do Norte de África¹⁴. João Pinto Delgado desempenhou o cargo entre 1 de Abril de 1603 e 31 de Agosto de 1607 dando conta do dinheiro, trigo, centeio, cevada, biscoito e pólvora por ele recebidos e entregues¹⁵ no final do seu mandato. Trata-se muito provavelmente de João Pinto Delgado autor do *Poema de la Reina Ester* o que revela, por um lado, que ele e a sua família detinham uma posição bastante destacada na administração em Portugal e seus territórios no

11 Cf. ANTT, *Chancelaria de D. Filipe II. Doações*, Livro 8, fl. 298v-299; Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 29 (doc. 3).

12 Cf. Barbosa Machado – *Bibliotheca Lusitana*. Vol. II. Lisboa: Oficina Ignacio Rodrigues, 1747, p. 393. Este Gonçalo Delgado é dado por Barbosa Machado como nascido em Tavira e com ofício de Escrivão dos Órfãos tal como seu pai; esta ideia surge também em Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 117 baseado em Kayserling; e em I. S. Révah – *Introdução...*, p. XIX.

13 Cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 49-50.

14 Cf. ANTT, *Chancelaria de D. Filipe II. Doações*, Livro 10, fl. 171v-172; Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 32 (doc. 7). Segundo Sousa Viterbo não há uma identificação positiva deste homem de armas e o poeta objecto deste estudo. Révah, também considera que o almoxarife e o poeta não são a mesma pessoa, cf. I. S. Révah – *Introdução...*, p. XXI, n. 14.

15 Cf. ANTT, *Chancelaria de D. Filipe II. Privilégios*, Livro 3, fl. 256-256v; publicado parcialmente em Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 33 (doc. 8).

Norte de África, e por outro justifica a sua permanência em terras lusas depois dos seus pais procurarem exílio no exterior.

Segundo um inquérito levado a cabo pela Inquisição de Lisboa entre 1613 e 1614 aos cristãos-novos onde foram arrolados os que tinham abandonado as suas casas e bens, Gonçalo Delgado – filho de João Pinto Delgado então defunto – foi de Portimão para Lisboa com casa movida e daí para a Flandres. Gonçalo é referido como mercador de cerca de 50 anos, de estatura mediana e forte sendo casado com uma flamenga. Descreve-se ainda que o seu filho mais velho casou na cidade de Lisboa e nela vivia na altura do inquérito¹⁶. Este filho é provavelmente o poeta João Pinto Delgado, irmão de Gonçalo Delgado e de Diogo Pinto Delgado¹⁷ não referidos pelo autor do relatório.

Segundo as próprias palavras de João Pinto Delgado¹⁸, Portugal era um sítio humilde pelas poucas horas que as pessoas empregavam no exercício das ciências sendo também um lugar perigoso para quem acreditava na Santíssima Lei. João Pinto Delgado não foi muito bem acolhido em Lisboa quando para aí se dirigiu com menos de 20 anos. Os seus pais, pouco depois, resolveram embarcar para o Brabante e daí para França onde todos se encontraram passados alguns anos. Em Portugal perdeu, na sua perspectiva, os três maiores bens do mundo: a honra, a vida e os bens.

Ruão, o conflito de 1631-1633 e a questão de João Pinto Delgado rabino

Os Delgado depois de abandonarem o Algarve saíram dos portos de Lisboa com destino ao Brabante, provavelmente até Antuérpia onde tinham familiares, mas escolheram como local de exílio a cidade francesa de Ruão. Aí moraram pelo menos desde 1609 já que Gonçalo Delgado, sua esposa Inês Nunes e os seus filhos Diogo Pinto e Gonçalo Delgado pediram carta de naturalização em Agosto de 1612, pois por regra só quem morasse na cidade por espaço de três anos podia pedir esta documentação¹⁹. O filho mais velho, tal como se viu, ficou em Lisboa.

A reunião da família Delgado deu-se em data indeterminada, mas de acordo com uma denúncia na Inquisição de Lisboa, João Pinto Delgado encontrava-se já em Ruão entre 1624-1626, publicando em 1627 a obra *Poema de la Reina Ester, Lamentaciones del Propheta Jeremias, Historia de Rut y Varias Poesias* na casa de David du Petit Val²⁰, impressor do rei. Por conseguinte, esta obra pode ter sido escrita na Normandia.

16 Cf. ANTT, *Conselho Geral do Santo Ofício. Papéis Avulsos*, maço 7, doc. 2618, n.º 23; transcrito em I. S. Révah – Introdução..., p. XXI-XXII; e traduzido em I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 51.

17 Cf. I. S. Révah – Introdução..., p. XX.

18 Cf. I. S. Révah – Introdução..., p. XX-XXI; I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 93.

19 Cf. I. S. Révah – Introdução..., p. XXV-XXVI. O nome da mãe de João é grafado no documento, transcrito por Révah, como Agnès Munez, podendo ser uma corruptela de Inês Nunes. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 54.

20 Cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 55.

Até essa altura as actividades do poeta mantiveram-se em relativa obscuridade só havendo novamente notícias dele aquando do conflito que estalou em Ruão. A comunidade portuguesa dividiu-se em duas facções distintas que reuniam de um lado cristãos-novos convictos e do outro os judaizantes²¹. Houve inclusivamente famílias que se desagregaram pelas suas convicções religiosas, como é o caso da família de Manuel Álvares da Costa, da de Duarte Henriques e da de António Henriques Cardoso²², que seguiram dois caminhos diversos no que à religião diz respeito.

Resumidamente, o conflito²³ de 1631 em Ruão desencadeou-se depois de vários protestos relativos à atribuição de cartas de naturalização pedidas pelos portugueses. Diego de Cisneros²⁴ acusou vários portugueses de apostasia e estes ripostaram dizendo ser Cisneros um espião do rei de Espanha. O caso chegou ao parlamento de Ruão e seguiram-se perseguições, inquéritos e consequentes prisões. Trinta e seis homens foram acusados de Judaísmo, encontrando-se na casa dos Delgado um manuscrito em hebraico. Os acusados defenderam-se energeticamente dizendo-se bons cristãos apoiando obras pias católicas, e para solucionar a questão ofereceram inclusivamente mais de 250.000 libras para uma obra de caridade à escolha das autoridades. Depois de ultrapassada esta contenda os bens foram restituídos aos acusados que ficaram livres das causas, no entanto, nos anos seguintes são vistos com desconfiança em Ruão e nas eleições para juiz-cônsul doze candidatos portugueses foram excluídos²⁵. Para a mudança de atitude das autoridades e para a solução da contenda em muito

21 Cristão-Novo designa quem era descendente de judeus e foi baptizado por sua livre vontade ou foi forçado a isso. Este grupo foi sempre visto como ambíguo nas suas crenças, pois, de acordo com a legislação em vigor antes da instauração da Inquisição, era-lhes permitido não serem questionados em matérias de fé. Os cristãos-novos convictos são aqueles que reconheciam os princípios cristãos e rejeitavam o Judaísmo. A instituição da Inquisição em 1536 tinha como principal objectivo a perseguição aos cristãos-novos judaizantes. Estes são os judeus convertidos que apesar de serem baptizados não reconheciam Jesus como o messias e continuavam práticas e cerimónias judaicas.

22 Cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 64.

23 Este conflito encontra-se bem documentado e estudado por Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 113-155; I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 58-85; sendo também alvo dum subcapítulo em, Michael Alpert – *Criptojudaismo e Inquisición en los siglos XVII y XVIII*. Barcelona: Ariel, 2001, p. 93-100. Neste período Diego de Cisneros teve um papel fundamental no desencadear e fomentar do conflito pois a sua actuação acentuou a clivagem entre os cristãos-novos católicos e os cristãos-novos judaizantes. Durante a Páscoa de 1631 denunciou ao vigário de Ruão, Pierre Acarie, várias pessoas que se tinham reunido na casa de António Rodrigues de Lamego para celebrar a Páscoa dos pães ázimos com Moshe Montalto e Rafael Buendia, dois judeus de Amesterdão. O vigário geral de Ruão – Acarie – ordenou ao cura de Saint Etienne des Tonneliers que realizasse um inquérito do qual não houve resultados. Cisneros, no entanto, não desistiu e conseguiu que a Inquisição de Sevilha enviasse a França o licenciado Juan Bautista Villadiego numa missão de espionagem aos cristãos-novos ibéricos. Villadiego chegou em Dezembro de 1632 a Saint Jean de Luz onde foi recolhendo testemunhos e em Janeiro de 1633 fixou-se em Ruão decidido a fazer um inquérito. A sua presença e actividades naquela cidade francesa desencadearam um conflito sem precedentes cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 66-69.

24 O licenciado Diego de Cisneros ou Diego de la Encarnacion era originário de León, publicou duas gramáticas de francês e castelhano e uma obra sobre a confissão intitulada *Escala Mística*, foi leitor de Teologia na Universidade espanhola de Douai e refugiou-se em Ruão depois de estar num convento em Antuérpia onde – de acordo com João Pinto Delgado – mudou de estado eclesiástico sem autorização papal e manteve relações ilícitas com uma mulher, cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 60-61.

25 Cf. F. de Vaux de Foletier – *Les Portugais à Rouen du XVII au XVIII siècle. Revue des Sociétés Savantes de Haute Normandie*. 7 (1957), p. 36.

contribuiu a acção dum mourisco chamado Alphonse de Lopez e a oferta de dinheiro recolhido entre 21 acusados que reverteu para o estabelecimento dum seminário de jovens carenciados e outras obras de caridade, nomeadamente no acolhimento de soldados inválidos em Bicêtre²⁶.

João Pinto Delgado e a sua família foram envolvidos nesta disputa, sendo acusados inclusivamente de judaísmo. Em Ruão João Pinto Delgado era conhecido pelo nome Moisés, Moshe ou Moseh e para além de estudar hebraico com sábios estrangeiros, mantinha correspondência com as comunidades de Veneza e outros locais convencendo os recém-chegados a França a renunciar ao cristianismo. Como consequência muitas pessoas continuavam viagem até à Holanda ou Hamburgo para serem admitidas no Judaísmo, entre elas conta-se Isabel Pereira e os seus três filhos que enviou a Hamburgo para, no seu entender, servir Deus com pureza. Especulava-se em Ruão se João Pinto Delgado era circunciso, mas corria a ideia de que ele dirigia serviços religiosos de acordo com o rito judaico em casamentos e funerais de outros cristãos-novos. Quando Mântua foi tomada, em 1630, houve uma perseguição aos judeus e, nessa altura, João Pinto Delgado reuniu vastas somas de dinheiro enviadas posteriormente por mercadores ambulantes de Livorno, Veneza e Holanda em seu auxílio. Simultaneamente a família Delgado mantinha uma faceta cristã, pois os curas de Saint Vicent e Saint Egidius não tinham quaisquer queixas da sua observância e os Delgado tinham ofícios na judicatura e administração cívica²⁷.

Depois daquela contenda ficaram em Ruão Gonçalo Delgado (filho), a tia paterna Beatriz, casada com João Peres. Este por sua vez, em 1633, abandonou a cidade depois de viúvo. A terceira geração da família manteve-se em Ruão, pois aí nasceu Gaspar Lopes Pereira ou Gaspar Vitória sendo inclusivamente circuncidado por Gonçalo Delgado²⁸ (pai), provavelmente.

Quando os Delgado estavam refugiados em Antuérpia, em Maio de 1635, o capitão Estêvão Aires da Fonseca denunciou vários portugueses que judaizavam na cidade do Escalda nomeadamente João Pinto Delgado, filho de Gonçalo Delgado, que é referido como rabino²⁹.

A definição de rabino aplicada a João Pinto Delgado é corroborada por dois documentos anteriores, nomeadamente um datado de Março de 1633, uma salvaguarda para as testemunhas que denunciaram os cristãos-novos de Ruão³⁰, onde o nosso poeta, fugitivo provavelmente em Antuérpia, e Cristóvão de Ulhoa, são definidos como

26 Cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 78-79.

27 Cf. Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 119.

28 Cf. Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 119-120.

29 Cf. Júlio Caro Baroja – *Los Judíos en la España Moderna y Contemporánea*. Vol. III. Madrid: Arion, 1962, p. 334. Estêvão Aires da Fonseca depois de ser judeu converteu-se ao Cristianismo, pertence a uma das famílias que enveredaram por dois caminhos diferentes, entre os seus membros contam-se os célebres Lopo Ramires e Duarte Nunes da Costa (David e Jacob Curriel).

30 Cf. Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 137-138.

rabinos embora só este seja mencionado como circuncidado. Apesar de parecer ser uma questão de somenos importância, é curioso pois Cecil Roth refere que Gonçalo Delgado fazia circuncisões uma vez por mês em Ruão³¹, persistindo no entanto na documentação contemporânea dúvidas quanto à circuncisão de seu filho João Pinto Delgado.

Por outro lado, a carta do vigário geral de Ruão Pierre Acarie³² datada de 29 Abril de 1634 dirigida ao vigário de Antuérpia, refere-se a João Pinto Delgado como rabino e ministro da religião judaica sendo como tal considerado pelos católicos espanhóis e portugueses de Ruão, suspeitando-se também que fosse circuncidado. Para além disso, Acarie descreve o nosso poeta como quem negava a Trindade; praticava as cerimónias da Lei; conhecedor de hebraico; correspondente de rabinos de Veneza e de outras sinagogas; e como quem reunia dinheiro para sustentar os judeus em fuga. Esta carta foi escrita quando a família Delgado estava em Antuérpia depois de sair de Ruão por Paris apenas ficando em França o filho do meio, Gonçalo Delgado que pediu e conseguiu atestados na sua paróquia em como a família era boa católica³³.

No entanto, um dos principais estudiosos de João Pinto Delgado, Révah considera que a designação de rabino não corresponde à realidade pois a sua actividade não podia ser classificada como rabínica acrescentando ainda que para os franceses e ibéricos de Ruão, como afirmou Cisneros, o *Pontifex Judaeorum* da dita vila era António de Cáceres que era simultaneamente o representante da *Companhia de Dotar* de Amesterdão em Ruão³⁴. Deste modo, existem pelo menos três líderes espirituais em Ruão talvez com funções diversas e que apontam para um grupo de pessoas cujos conhecimentos do Judaísmo eram mais aprofundados, no qual se deve incluir António Rodrigues de Lamego pelo seu papel aglutinador, pois reunia em sua casa os cristãos-novos para celebrar determinadas cerimónias com a supervisão de judeus de Amesterdão.

Esta designação estendeu-se ao irmão mais novo do nosso poeta, Diogo Pinto Delgado, que emigrou para Hamburgo onde fez parte da comunidade judaica chegando a ser mencionado como rabino³⁵, embora pouco se possa acrescentar a esta afirmação por falta de documentação que a corrobore.

31 Cf. Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 122.

32 Cf. Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 147-15; traduzido em parte para francês em I. S. Révah – Introdução..., p. XXVII-XXVIII; I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 86-87.

33 Cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 87.

34 Cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 87. Sobre a Companhia de Dotar, ver I. S. Révah – *Le Premier Règlement Imprimé de la «Santa Companhia de Dotar Orfãos e Donzelas Pobres»*. *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*. Lisboa: F.C.G., 1963, p. 661; Miriam Bodian – *The «Portuguese» Dowry Societies in Venice and Amsterdam: a Case Study in Communal Differentiation within the Marrano Diaspora*. *Italia*. 6:1-2 (1987) 30-61. A Companhia de Dotar destinava-se a apoiar as órfãs de judeus sefarditas através dum dote aquando do seu casamento, os registos desta companhia incluem as comunidades onde os judeus portugueses e espanhóis se fixaram na diáspora. Ver também Miriam Bodian – *Hebrews of the Portuguese Nation: Conversos and Community in Early Modern Amsterdam*. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

35 Cf. Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 118.

João Pinto Delgado mudou-se para Amesterdão em 1634 sendo seguido de seu pai pouco tempo depois. Em Amesterdão era conhecido como Moshe ou Moseh Pinto, Moseh Delgado ou Moseh Pinto Delgado sendo um dos sete *Parnassim* na *Talmud Torah* em 1636, 1637 e 1640 onde também fazia parte da *Ets Hayim* encarregue de favorecer o estudo das crianças pobres e merecedoras da comunidade³⁶. E pouco mais se sabe da sua vida privada. Nesta cidade existiam em 1675 um Jacob Delgado e um Abraham Delgado, que era provavelmente o mesmo que contribuía com uma quota de 8 xelins para a manutenção da sinagoga de *Shaar Hashamayim* de Londres³⁷, mas cuja ligação familiar ao poeta não nos é clara.

O círculo de amigos de Delgado e os seus poemas panegíricos

Foi em Lisboa que João Pinto Delgado parece ter tido contacto com João Baptista d'Este e com Luís de Tovar, dois autores conceituados, para os quais escreveu poemas laudatórios que saíram à estampa em Lisboa em 1616.

Na obra de João Baptista d' Este³⁸ escreveu um madrigal

Mostrando-te Baptista, a fé a escada,
Da terra levantado ao céu subiste;
Altos mysterios nella descobriste,
Que só podes tocar n'arca sagrada.
No sol divino a vista penetrando
Firme no objecto a caridade ardente;
Que a seu fogo se inclina o raio santo:
Milagrosos efeitos vás mostrando
E d'armonia angélica contente
Levas o coração com doce espanto.
Qual mais suave canto
Levou pedras trás si? Mas so puderas
Tanto alcançar, que da celeste boca
O canto entendes que altamente toca
N'arpa do céu as cordas das espheras.

E um soneto na obra de Luís de Tovar³⁹

Sujeto es de tu pluma, el que pudiera
Honrar a Esmirna, y del faborecido

36 Cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 88.

37 Cf. João (Moseh) Pinto Delgado – *Lamentaciones del Profeta Jeremias...*, p. 20.

38 Cf. João Baptista d' Este – *Consolaçam Christã e Luz para o Povo Hebreu*. Lisboa: imp. Paulo Craesbeeck, 1616. Poema transcrito em Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 20; Cecil Roth – *Les marranes à Rouen...*, p. 118; I. S. Révah – *Introdução...*, p. XXIII.

39 Cf. Luís de Tovar – *Poema Mystico del Glorioso Santo António de Pádua: contiene su vida, milagros y muerte*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1616; transcrito em Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 21.

Rompes con luz la nube del olvido,
 Que le encubrio la imagen verdadera:
 Este es el dia, quando Antonio espera,
 (Seraphin en amor todo encendido)
 Que quantos ven del Sol la tumba, o nido,
 Sigan alegres su real bandera.
 Paloma subes de la tierra al cielo,
 Angel descienes, por mostrar la gloria,
 Que en extasi suspende el pensamiento.
 Felice fue la voz, felice el buelo,
 Que conservando eterna memoria,
 Te guarda, alta deydad, eterno assiento.

Através da leitura destas duas poesias evidencia-se o bilinguismo⁴⁰ de João Pinto Delgado seguindo uma tradição anterior perceptível em vários autores e poetas portugueses. Entre eles contam-se Gil Vicente (c. 1465-d. 1536), Francisco Sá de Miranda (1481?-1558?), Bernardim Ribeiro (1482-1552), Pêro Andrade de Caminha (1520?-1589), André Falcão de Resende (1527-1599), Luís de Camões (1524/25-1579/80) ou D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666). Todos eles exprimem a intimidade existente entre ambas as culturas e literaturas.

A proximidade linguística, o estreitamento entre as duas coroas peninsulares pelos sucessivos casamentos entre as casas reais dos dois reinos e a mobilidade dos lentes espanhóis nos estudos universitários favoreceram o bilinguismo, contudo se atendermos à publicação de obras manuscritas verifica-se que o Castelhana representa apenas 13,7%, enquanto o Latim 33,8% e o Português 56% de todas as impressões feitas durante o século XVI em Portugal⁴¹. No entanto, trata-se duma parcela da cultura que se pode classificar como erudita e letrada.

O bilinguismo entre os portugueses desenvolveu-se durante a Monarquia Dual, ou União Ibérica, havendo uma maior propensão para o uso do Castelhana nessa altura. A facilidade de circulação duma abundante literatura de cordel, provérbios e canções castelhanas assim como romances, propiciou a generalização do uso do Castelhana entre os escritores lusos. Esta nova realidade impeliu os autores portugueses a traduzirem as suas obras para Castelhana com vista a uma maior difusão, embora com excepções como António Ferreira. Mas, foi o teatro o principal responsável pela difusão do Castelhana nas camadas populares condicionando os autores dramáticos e a produção teatral portuguesa a deixarem de lado a matriz vicentina. O seu uso perdurou

40 Sobre estas questões ver Ana Isabel Buescu – *Memória e Poder: ensaios de História Cultural (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Cosmos, 2000, p. 51-66; Fernando Bouza-Alvarez – *Portugal no Tempo dos Filipes: política, cultura, representações (1580-1668)*. Lisboa: Cosmos, 2000.

41 Cf. Ana Isabel Buescu – *Memória e Poder...*, p. 52, 55, 57.

após a Restauração (1640) e manteve-se até ao século XVIII na Lírica, Prosa, Teatro e traduções, deixando marcas fortes⁴² na cultura em Portugal.

A criação de poemas encomiásticos deu-se em dois momentos distintos da vida do nosso poeta, em Portugal para duas obras de cariz religioso e em Amesterdão para obras do mesmo carácter e para uma obra de Medicina. Os dois poemas acima citados são os mais antigos conhecidos de João Pinto Delgado e revelam já uma tendência para temas religiosos. Embora estejam ambos inseridos em obras católicas, a remissão para o Antigo Testamento é recorrente na medida em que se utilizam imagens ou ideias fortemente ligadas ao Judaísmo como Jacob e a escada ou a Arca da Aliança. Por outro lado, a subida aos céus, o sol como símbolo de divindade, a harmonia angélica e a descida de anjos estão também impregnados de sentimentos e conceitos sagrados.

Quando já se encontrava em Amesterdão, João (Moseh) Pinto Delgado fez parte do círculo de amigos de Menasseh ben Israel, o que se patenteia pelo seu poema laudatório em duas das suas obras⁴³. Assinando Moseh Pinto escreveu em ambas um madrigal⁴⁴:

Dio ser el Ser immenso al Chaos, o nada
De que formo tres mundos en su Idea
Porque en la obra el obrador se vea,
Que al alma aquella, esta a la vista agrada,

Com raro estilo ó Menasse describes
De sublime sciencia alto secreto,
Do mucha luz a nuestra poca excede,

Das vida a la memoria, e nella vives,
Siendo lo eterno el fin de tu sujeto
Que su igual privilegio te concede:

Felixmente procede
Intenta y obra, que al designio santo
Celeste voz nuevo sabor te inspira.

Porque si al mundo su criacion admira
No da menor espanto
Criar de nada el admirable modo,
Que a ti formarte que lo digas todo.

42 Cf. Pilar Vázquez Cuesta – *A Língua e a Cultura portuguesas no tempo dos Filipes*. Mem Martins: Europa-América, 1988, *passim*, p. 52-53; Ana Isabel Buescu – *Memória e Poder...*, p. 55-56.

43 Cf. I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 88. Segundo as edições da Biblioteca Rosenthaliana, *A Creatione problemata* e *De Creatione problemata Triginta* possuem poemas laudatórios de Imanuel Nehamias, Moseh Pinto, Jonas Abravanel e Daniel Abravanel.

44 Cf. Menasseh Ben Israel – *De Creatione Problemata XXX*. Amesterdão: tip. do autor, 1635, p. vii; Menasseh Ben Israel – *De Creatione Triginta*. Amesterdão: Joannem Ianssonium, 1636, p. vii. Estas duas edições estão na Biblioteca Rosenthaliana e ambas possuem os mesmos poemas laudatórios de Imanuel Nehamias, Moseh Pinto, Jonas Abravanel e Daniel Abravanel.

Neste poema reforçam-se as ideias religiosas e a ligação da ciência ao divino detentor do conhecimento supremo. Ou seja, conhecimento e estudo do divino complementam-se e interligam-se criando vias de comunicação que tanto pode ser do Divino para o Homem ou vice-versa.

Por outro lado, o poema laudatório a Zacuto Lusitano⁴⁵ aponta para o caminho do Homem. De forma bela e rimada, João Pinto Delgado e a propósito de Zacuto, anuncia que a vida humana deve ter o divino como exemplo e contribuir para o dilatar do saber humano.

Enfermo el hombre del primo peccado
Experimenta su mal, muriendo muerte,
Alia piedad, que su flaqueza infiere,
El bien le ofrece de su antiguo estado.
Mirando ariba alcanza el mismo grado,
Que ya perdiera, el alma quando quiere,
Y el cuerpo, porque el dan'e se modere,
Mira en plantas secreto reservado.
Estas virtudes dos enti contemplo.
Sabio Zacuto, al nombre merecidas,
Con que adquieres desde cy premio infinito.
El camino ensenando de dos vidas,
La eterna con divino y santo exemplo,
La humana, con la lengua, y con lo escrito;
Y pues en lo finito.
Con su saber lo radical dilatas,
Son alfumo obrador tus obras gratas.

In observantiae, & amoris gratiam scribebat, amicissimus, & perdoctus Ioannes Pintus Delgado.

O último encomiástico conhecido de João Pinto Delgado faz parte duma compilação de poemas dedicados a Isaac de Castro Tartas que foi queimado em 1645 em Lisboa. Esta obra reuniu vários poetas judeus e deu origem a *Elogios Vários que curiosos diversos dedicaron al martírio de Ishac de Castro Tartás, que en Lisboa fue quemado vivo, por Santificación del Nombre del Señor Dios a 23 de Diciembre de 1645*. Esta obra foi impressa em 1647, existindo um exemplar manuscrito de 1652 de Amesterdão de Isaac Navarro em Filadélfia⁴⁶. Os poemas de João Pinto Delgado inserem-se numa compilação com uma dedicatória de Isaac Israel Teixeira e poemas de Jonas Abravanel,

45 Cf. Zacuto Lusitano – *Medicorum Principium Historiae*. Leiden: Joannis Antonii Hugueta, filij & Marci Antoni Ravavd, 1649 (*Epigrammata in Laudem acuti Lusitani*); transcrito em Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 21.

46 Esta obra encontra-se em *The Library Company of Philadelphia* [Sev Dos (b.w.) Log 195.Q.4.]; Cecil Roth – An Elegy of João Pinto Delgado on Isaac de Castro Tartas. *Révue des Études Juives*. 121:1-2 (1962) 354-366; João (Moseh) Pinto Delgado – *Lamentaciones*

Isaac Semah Aboab, Jacob de Pina, Isaac Reinoso e Abraão Cardoso⁴⁷; contudo não houve ainda possibilidade de conhecer o seu conteúdo.

Tendo em conta os seus poemas elogiosos podemos concluir que algum laço de amizade ou de afinidade existia entre o nosso poeta e João Baptista d'Este, Luís de Tovar, Menasseh ben Israel e Zacuto Lusitano. Provavelmente faziam parte do seu círculo de amigos e conhecidos embora a produção literária e de Medicina os reunisse. Mas todos, com excepção de Luís de Tovar, eram cristãos-novos de Portugal. Mas vejamos de quem se trata.

João Baptista d'Este era o nome cristão de Abraham Bendanan Serfatim autor de *Consolaçam Christã*, acima mencionada e dedicada a D. Teodósio duque de Bragança e de *Dialogo entre Discípulo e Mestre Catechizante* datado de 1621 com dedicatória a Filipe III das Espanhas. Trata-se dum judeu de Ferrara baptizado pelo arcebispo D. Teotónio de Bragança em Vila Viçosa no convento das Chagas, sobrinho-neto do Duque de Naxos, Joseph Nasi, e familiar de Alexandre Reinel. Antes da sua conversão, Abraham estava envolvido no negócio de pedras preciosas e imitações assim como de calendários impressos e manuscritos em português⁴⁸ que eram depois utilizados pelos conversos na Península e pelos membros das diversas comunidades sefarditas falantes de português.

Luís de Tovar, por seu turno, era natural de Lisboa, filho de Pedro de Tovar, senhor de Molelos e comendador da Ordem de Cristo⁴⁹. É autor de *Poema Místico del Glorioso Santo António de Pádua*.

Os amigos de Amesterdão são o renomado Menasseh ben Israel (1604-1657) um douto rabino e impressor com várias obras escritas em Castelhana que fugiu de Lisboa com seu pai na mocidade; conhecia várias línguas; tinha conhecimentos de Matemática, Astronomia e Medicina; correspondia-se com vários eruditos europeus; foi mestre de Espinosa; esteve algum tempo em Inglaterra onde as suas exortações contribuíram para que Cromwell oficializasse a comunidade portuguesa; Rembrandt fez-lhe um retrato⁵⁰. E o bem conhecido Zacuto Lusitano (1575-1642), formado em Singenza e Coimbra em Filosofia e Medicina, saído de Portugal para Amesterdão, onde publicou várias obras de Medicina e também de Botânica.

del Profeta Jeremias..., p. 18-19. Os poemas de Delgado em honra de Tartas foram também publicados fac-similados em Elias Lipiner – *Izaque de Castro: o mancebo que veio preso do Brasil*. Recife: Massangana, 1992, p. 254.

47 Cf. Cecil Roth – An Elegy of João Pinto Delgado..., p. 363.

48 Cf. José Alberto Tavim – Jews in the Diaspora with *Sepharad* in the Mirror: Ruptures, Relations, and Forms of Identity. A Theme Examined Through Three Cases. *Jewish History*. 25 (2011), p. 181-182.

49 Cf. Diogo Barbosa de Machado – *Bibliotheca Lusitana*. Vol. III. Coimbra: Atlântida, 1967, p. 157. De acordo com este autor, Luís de Tovar compôs um poema amoroso; foi confundido com outro Luís de Tovar natural das Astúrias; Jacinto Cordeiro elogiou na sua obra a métrica deste poeta; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. XXXII. Lisboa: Ed. Enciclopédia, [s. d.], p. 373.

50 Cf. António Carlos Carvalho – *Os Judeus do Desterro de Portugal*. Lisboa: Quetzal Editores, 1999, p. 84-87. Sobre este autor a bibliografia é considerável, ver Joseph Kaplan et alii (ed.) – *Menasseh Ben Israel and his World*. Leiden: Brill, 1989.

Mas existem também alguns amigos de João Pinto Delgado que lhe dedicaram encomiásticos na obra *Poema de la Reyna Ester*, preferindo a maioria o anonimato, onde apenas aludem, uns à sua morada em Madrid, outros a Ruão.

Tendo em conta que na obra de Zacuto *De Medicorum Principium Historia* estão várias cartas de amigos e conhecidos seus como por exemplo Rodrigo de Castro, seu filho Bento de Castro⁵¹, e versos do Doutor Rosales e João Pinto Delgado⁵² pode-se especular se todos não se conheciam ou eram mesmo amigos entre si. Contudo, a maior parte dos citados estão ligados à Medicina e não é claro se contactaram uns com os outros embora existam membros da família Delgado em Amesterdão e Hamburgo.

A obra Poema de la Reyna Ester, Lamentaciones del Profeta Jeremias, Historia de Rut y otras poesias, de 1627

Quando a literatura da época na Península era classificada de Gongórica ou seiscentista, João Pinto Delgado quebrou a tendência e manteve uma escrita própria que o coloca entre os maiores poetas da sua época, embora ainda hoje seja ignorado pelos autores de História da Literatura Portuguesa⁵³, e mesmo de Espanha onde não costumam estudar-se os escritores portugueses bilingues, talvez com excepção de Gil Vicente⁵⁴.

Israel Révah, um dos autores que se debruçou sobre João Pinto Delgado, considera que este bebeu inspiração nas obras de Jorge Manrique, Garcilaso de la Vega e Fernando de Herrera, revelando na sua escrita traços duma leitura atenta dos poemas de Gôngora, dos de frei Luís de León e da sua escola que circulavam manuscritos⁵⁵. Por outro lado, Sousa Viterbo classifica João Pinto Delgado como um Parnaso peninsular e reconhece-lhe a arte das palavras e a paixão pela forma. Considera-o, no entanto, um autor com falta de originalidade e com pouco espírito criador porquanto se baseia nas histórias bíblicas; inicialmente aponta João Pinto Delgado como pouco evocativo de sentimentos⁵⁶ embora tenha mudado de ideias⁵⁷ mais tarde.

A obra *O Poema de la reyna Ester, Lamentaciones del Profeta Jeremias, Historia de Rut y otras poesias* de João Pinto Delgado foi publicada em livro de oitavo com 366 páginas⁵⁸ em Ruão em 1627 em casa do impressor do rei David du Petit Val. Embora

51 Cf. Maximiano Lemos – *Zacuto Lusitano: a sua vida e a sua obra*. Porto: Eduardo Tavares Martins, 1909, p. 225.

52 Cf. Maximiano Lemos – *Zacuto Lusitano...*, p. 226, 227.

53 Entre eles Mendes dos Remédios – *História da Literatura Portuguesa*. Coimbra: Franco Amado, 1914; António José Saraiva; Óscar Lopes – *História da Literatura Portuguesa*. 14ª ed. Porto: Porto Editora, 1987.

54 Cf. Pilar Vázquez Cuesta – *A Língua e a Cultura portuguesas...*, p. 42.

55 Cf. I. S. Révah – *Introdução...*, p. XXV.

56 Cf. Sousa Viterbo – *Notícia acerca da vida e obras de João Pinto Delgado...*, p. 3-4.

57 Cf. Sousa Viterbo – *Poetas do século XVII*. In *Arquivo Histórico Português*. Vol. 9. Lisboa: Imp. Libânio da Silva, 1914, p. 383.

58 Cf. Joseph Rodriguez de Castro – *Biblioteca Española*. Vol. I. Madrid: Imprenta Real de la Gazeta, 1781, p. 510-511. Este autor indica que a obra de João Pinto Delgado não tem local de impressão ou data, o que não corresponde à realidade.

a História de Rute seja também adoptada por Tirso de Molina em *La Mejor Espigadera* (1634) e por Pedro Calderón de la Barca em *Auto Sacramental*⁵⁹, João Pinto Delgado é original ao reunir várias histórias que fazem parte do calendário judaico como se irá ver de seguida.

A dedicatória a Richelieu indicia a intenção de pedir o patrocínio ou talvez mesmo pode tratar-se dum caso efectivo de patrocínio por parte do cardeal, grão-mestre, supremo e superintendente geral da Navegação e comércio de França. A haver, este patrocínio ou tipo de mecenato pode ser classificado – na nomenclatura de Peter Burke – como pertencendo a um sistema feito à medida (*made-to-measure system*) onde existe uma relação pessoal temporária entre patrono e artista que dura até a obra ser entregue⁶⁰. De qualquer forma é significativo que um poeta português de Portimão possa ser acolhido nas mais altas esferas de poder de França ligadas à navegação e comércio, uma área em que a família Delgado tinha conhecimentos.

Embora o patrocínio seja para uma obra em particular que se debruça sobre motivos religiosos (o que interessaria a um cardeal), fica a sensação de que João Pinto Delgado pretendia o favor de Richelieu para a causa dos portugueses em França, provavelmente em troca de informações sobre comércio e navegação no Atlântico e Índico.

Na sua dedicatória a Richelieu, João Pinto Delgado apela ao espírito generoso dos que amparam os peregrinos animando-os a servirem os seus reis através das armas ou das letras, à semelhança dos Patriarcas. João Pinto Delgado vai mais longe e considera o cardeal um peregrino em todas as suas acções apelando simultaneamente à sua capacidade de amparar os que produzem obras com o objectivo de «deter a velocidade dos anos», «dilatar a memória» ou simplesmente receber «as flores das letras divinas» «cuja luz sempre resplandece na alma» embora apenas através da «humildade das palavras humanas». João Pinto Delgado considera ainda que o homem não tem pátria no mundo onde apenas pode ambicionar ser peregrino pois em última instância pertence àquela pátria onde «o tempo com variedades não se altera»⁶¹.

João Pinto Delgado na sua obra dedica aos leitores uma nota⁶² onde diz oferecer o melhor do seu trabalho e que por isso não pode desagradá-los por ser o que sustém os homens: os milagres verdadeiros; as lágrimas «para comover o céu e piedade» e que são simultaneamente escalas pelas quais se sobe ao prémio eterno; e por fim a conversão pela certeza da bem-aventurança que merece.

A poesia de João Pinto Delgado narra em versos os milagres e mistérios bíblicos através de metáforas, descreve as lágrimas derramadas pelos homens e considera-as

59 Cf. Ed. – Book of Ruth. *Enciclopédia Judaica*, vol. 14, c. 523.

60 Cf. Peter Burke – *The Italian Renaissance*. Cambridge: Polity Press, 2000, p. 89.

61 João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. V-VIII.

62 Cf. João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. IX.

como uma escala para alcançar o conhecimento dos justos. A ideia de escada, que pode facilmente ser associada a escada, surge ao longo desta obra e é uma ideia recorrente na sua produção poética, talvez remetendo para o sonho de Jacob. A jornada do conhecimento termina com a conversão remetendo o nosso poeta para a História de Rute e remata a sua nota com «*el cielo te guarde*».

A escolha dos temas da obra *Poema de la Reina Ester* é reveladora dos interesses do seu autor. Segundo Jacobo Israel Garzon⁶³, existe nesta obra um carácter paralitúrgico na medida em que está relacionada com quatro datas do calendário hebraico: a rainha Ester com o Purim em Março; Jeremias com *Tisha be Av* em Julho; Rute com *Shavuot* em Maio; e os poemas nomeadamente a Canção e o Cântico ambos sobre a saída do Egipto, que estão directamente ligados a *Pêssah* em Abril.

A ordem pela qual são apresentados os poemas na obra de João Pinto Delgado também nos parece pouco inocente, pois não é seguida uma ordenação cronológica, demonstrando provavelmente uma intenção do autor que passaremos a explicar. A exaltação e salvação do povo judaico com Ester conduzem às lamentações de Jeremias com a queda de Jerusalém e do templo com o conseqüente desalento por parte dos judeus. A história de Rute é a história duma conversa antepassada do rei unificador de Israel e cujas profecias vaticinam para os seus sucessores a união e o messias e/ou a era messiânica. Por fim os vários poemas com os quais João Pinto Delgado termina a sua obra e que se dividem em *Canción*, *A la Sabiduria*, e *Cântico a la saída de Egipto* apontam para o fim do cativo e o retorno à Terra Santa. Essa mensagem surge na canção que se debruça sobre o caminho espiritual e pessoal para atingir através de inspiração a «luz do fogo amoroso»; o poema à sabedoria clama por sinais ou guia no caminho dos homens; e por fim o cântico à saída do Egipto almeja a chegada à Terra Santa ou Monte Sagrado.

Por conseguinte, o objectivo de João Pinto Delgado será apontar um caminho aos conversos em geral que passaram pelo cativo e pelos Egiptos ibéricos. Este caminho em direcção à Terra Santa pode ser entendido no seu sentido literal, mas talvez possa ser também compreendido como o caminho pessoal e espiritual em direcção à divindade ou ainda como a capacidade humana de conseguir fazer ascender o reino dos homens ao reino do Supremo, tal como a dedicatória ao cardeal Richelieu alude⁶⁴ ou como o seu poema dedicado a João Baptista d'Este aponta⁶⁵: o homem pode ascender ao conhecimento e ao reino divino.

Não se deve descurar no entanto a função pedagógica destes poemas na medida em que poderiam ter também a utilidade de instruir os conversos nas principais datas, ensinando-os duma forma bela, como é a poesia, o que significa a sua celebração. Os

63 Cf. João (Moshe) Pinto Delgado – *Lamentaciones del Profeta Jeremias...*, p. 13.

64 Cf. João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. VII. A pátria do homem é onde o tempo com variedade não se altera.

65 Cf. João Baptista d' Este – *Consolaçam Christã...*

seguidores da Lei de Moisés penetrariam nos conhecimentos religiosos pela via da poesia. Deste modo, João Pinto Delgado destaca-se, por exemplo, de Álvaro Dinis ou Samuel Jachia, o líder espiritual de Hamburgo, pela sua forma de transmissão da calendarização das principais festas e cerimónias, já que este último optou por o fazer publicando *Trinta Sermoes ou Darazes*, uma obra em português⁶⁶ onde compila os seus principais sermões lidos durante as reuniões em sinagoga.

A obra de João Pinto Delgado é paradigmática, uma vez que adopta à poesia três dos cinco⁶⁷ rolos ou *Meguilot* da Bíblia hebraica⁶⁸ nomeadamente Ester, Lamentações e Rute, sendo dois dos seus principais poemas dedicados a duas grandes mulheres bíblicas. Ester representa para o Judaísmo a força, o heroísmo, a coragem e a capacidade de sobrevivência do povo de Israel. Rute é o amor a Deus; representa o livre-arbítrio e a escolha consciente duma religião e de se reunir a um povo que inicialmente não é o seu. Tanto Rute como Ester casaram fora dos seus povos de origem. Rute uma moabita casa com um judeu e a judia Ester casa com um persa, o rei da Pérsia. Ambas quebraram as regras mais rígidas quanto aos casamentos mistos estipuladas por Esdras e Neemias e tanto uma como outra representam altos valores do Judaísmo.

As imagens do feminino na Historia de Rut

João Pinto Delgado dedicou à história de Rute uma redondilha, um tipo de poesia muito usado em Portugal e noutras zonas da Península Ibérica desde a Idade Média principalmente em poemas populares. A redondilha é, portanto e por excelência, um género acessível e do gosto dum público vasto habituado à transmissão oral. Nesta obra exalta-se o amor dos homens, nomeadamente entre Rute e Naomi, que conduz ao amor de Deus reforçando-se a ideia que os homens e mulheres têm a força triunfante do amor, da solidariedade e da vida.

Os primeiros cinco versos são de evocação, não às musas dos clássicos, mas ao Supremo, a fonte de inspiração do poeta. Este denomina-se humilde arauto, no seu engenho e arte de fazer poesia. O nosso poeta pede auxílio para cantar a humildade, bondade e conversão de Rute, salientando desde logo o favor divino a quem o honra e a ligação de Rute ao futuro Rei David.

66 Sobre esta temática, ver: Julia Lieberman – Sermons and the Construct of a Jewish identity: The Hamburg Sephardic Community in the 1620's. *Jewish Studies Quarterly*. 10:1 (2003) 49-72; Julia Lieberman – Mystical Metaphors in Sermons by Samuel Yahia (Hamburg, 1629). In *Aus den Quellen: Beiträge zur deutsch-jüdischen Geschichte*. Hamburg: Dölling und Galitz, 2005, p. 121-129; Florbela Veiga Frade – Pensamento Religioso dos Judeus Portugueses de Hamburgo no Século XVII: Merkabah, apegamento a Deus e o tabernáculo em Trinta Discursos ou Darazes (Hamburgo, 1629) de Samuel Jachia/Álvaro Dinis (c.1570-1645). *Anais de História de Além-Mar*. 12 (2011) 181-212.

67 Cf. João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. XXVIII-XXIX. As cinco *Meguilot* são Rute, Cântico dos Cânticos, Lamentações, Eclesiastes e Ester.

68 Cf. I. S. Révah – Introdução..., p. XXVIII-XXIX.

Na primeira parte do poema, João Pinto Delgado caracteriza o Tempo dos Juízes em Israel como um tempo de pecado em que a relação entre o homem e o céu estava comprometida. A virtude definha numa época em que o homem não sustentava a alma e como consequência a terra em pedra ficava e a esperança dos homens esmorecia⁶⁹. Elimelec, varão de Judá, perdeu a esperança e resolveu sair de Belém com a sua família para os campos de Moab onde acabou por morrer, tal como os seus filhos.

Da família de Elimelec apenas ficaram as mulheres que são caracterizadas por sentimentos de ausência e de amor sofrendo as noras Orfa e Rute de dor e a esposa Naomi um verdadeiro tormento em terra estranha. Por conseguinte, as mulheres estão intimamente ligadas ao sofrimento e à dor provocada pela ausência de quem as proteja. Contudo, possuem enquanto viúvas o livre-arbítrio para decidirem o seu destino.

Seguindo a história bíblica, Naomi resolveu regressar a Belém depois de saber que os homens voltavam a cultivar as suas almas na sua terra e por isso o céu aumentava⁷⁰. Ou seja, a preocupação de Naomi não é com a produção material de bens mas com o estudo do Divino e do Bem. Naomi ama Rute e Orfa como se fossem suas filhas e por isso aconselha-as a ficar na sua terra apelando assim à sua livre vontade, pedindo simultaneamente o favor divino e piedade para todas. Revela desta forma que não perdeu a Fé.

Perante a decisão de viajar com Naomi, Orfa segue a Razão e fica em Moab. João Pinto Delgado caracteriza Orfa como alguém com sentimentos de piedade, de amor e de tristeza. Ela representa a razão, segue a sua cabeça e baseia-se nas opiniões piedosas ou argumentos sobre o seu futuro proferidas pela sogra Naomi.

Rute por seu lado segue o seu coração, o amor por Naomi e o «*santo amor [que] raíz en el alma cría*»⁷¹. Por sua vontade segue a sogra tornando a união de tal forma forte que apenas terminaria com a vida. Deste modo decide pela sua vontade seguir a Lei Divina, e os seus Preceitos definindo um caminho que na jornada corresponde a Belém mas na senda da espiritualidade conduz ao Céu ou ao conhecimento do Divino.

Naomi ao mesmo tempo que supervisiona o voo da nora em direcção ao Céu, pois «*mira su vuelo, del mundo al cielo subido*»⁷² – o que deve ser entendido como a aprendizagem espiritual de Rute – acompanha e conduz Rute a Belém. Nesta cidade, Naomi constata ser uma pessoa diferente daquela que saiu com o esposo e filhos levando os seus bens para Moab. Agora encontra-se em aflicção com a nora, sem bens e sem aqueles que ama, contudo foi tocada pela Santa Mão e voltou à terra de origem,

69 Cf. João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. 318.

70 Cf. João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. 320-321.

71 João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. 325.

72 João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. 328.

Belém. Tanto ela como a nora vivem na humildade e para sobreviver respigam nos campos de cevada de Boaz, um «*noble varón*»⁷³, nas palavras de João Pinto Delgado.

Por conseguinte, Naomi é caracterizada de forma diferente em Moab e em Belém. No reino de Moab é possuidora de sentimentos negativos de perda, de males padecidos, de miséria e de aflição. Em contrapartida em Belém o seu retorno é sentido como o retorno da razão ligada à verdade, pois Naomi sente ter sido tocada pelo Supremo, mas onde toma uma atitude humilde, sábia e conselheira para com a sua nora Rute.

A escolha dos campos de Boaz por Rute, aparentemente baseada na determinação desta em escolher os terrenos onde houvesse clemência humana e compaixão, é resultado também da presença divina que se faz sentir discretamente nas decisões assentes em sentimentos positivos. Deste modo, a necessidade obrigou-a a recolher aquilo que outros deixavam cair para que não se sentissem enojados, pois «*el Cielo concede al pobre*»⁷⁴ o que os outros podem colher e, como Rute espera o favor divino, aguarda igualmente a sua dádiva.

Como seria de esperar, Rute é a mulher que ocupa o centro das atenções. Na paleta de artista das palavras, João Pinto Delgado define Rute nos termos seguintes. A Humildade aliada por vezes à Bondade é a sua principal característica, mas a sua virtude essencial é a Constança para com os seus princípios e preceitos e para com o amor que tem a Naomi partilhando o seu destino com ela. Ela é a estrangeira ou moabita, a conversa que abraçou a Lei e por isso saiu do cativeiro para encontrar em Belém o descanso da alma, o Santo Amor, a Clemência e a Compaixão.

A ausência do amor perdido, a tristeza e a dor, sentidos em Moab por Rute aquando da morte do seu marido, dão lugar em Belém ao favor divino que a encaminha em direcção a Boaz e aos seus campos. A gratidão para com os piedosos que a ajudaram permitiu-lhe voltar ao céu alcançando a verdade, a abundância e a alegria sempre estimando o abrigo e conselho de Naomi. Passa então a ser uma «*oveja del gran Pastor*»⁷⁵, uma ovelha do rebanho que se pode identificar como sendo o Povo de Israel protegido ou guardado pelo Grande Pastor.

Denota-se pela escolha das palavras e conceitos que existe um forte pendor bíblico. A personagem de Rute é descrita e, em grande medida recordada, tal como no livro de Rute pela sua genealogia, mas assume-se também como detentora de Honra, Humildade, Bem e Bondade, Quietude, Virtude e Obediência, sendo simultaneamente serva de Boaz. Por conseguinte, Rute é uma mulher virtuosa cuja principal característica é a Constança, pois mantém-se firme nas suas crenças, na sua amizade, no seu amor, na sua união, nos modos e preceitos da Lei assim como no seu destino. Por isso é alvo da compaixão do Divino passando a ser uma ovelha no rebanho do Grande Pastor.

73 João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. 329.

74 João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. 330.

75 João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. 331.

Reafirma-se o seu papel de mãe e de garante na manutenção do nome e bens da família, mas com uma maior responsabilidade, pois do fruto da união de Rute com Boaz surgirá à luz um rei, um rei messiânico que unirá o Povo de Israel. Esta ideia de união é reforçada pelo episódio em que a Junta de Anciãos é consultada sobre o levirato, nessa altura os anciãos desejam que Rute seja equiparada a Raquel e Lia por cimentarem Israel; e Boaz comparado a Farés ou Perez filho de Tamar pelo lugar que ocupará⁷⁶.

Rute é a mulher da salvação e por isso simultaneamente Lia e Raquel. Neste sentido, o seu descendente David reúne em si e é sucessor dos líderes das Doze Tribos de Israel. Esta ideia de união é reforçada pela concepção de que Boaz é um homem da redenção ao garantir, através do levirato, que Rute seja a mãe das tribos unidas sob a égide dum rei único em todo o território de Israel.

O tema do levirato levanta várias questões legais e rabínicas cujo conhecimento apenas podemos apresentar sumariado e na perspectiva do presente poema. Dum modo geral a lealdade familiar era o motivo do levirato, nesse sentido o irmão ou parente mais próximo devia receber a viúva e gerar filhos para perpetuar a memória do defunto e originar herdeiro para os seus bens patrimoniais. Deste modo garantia-se a perpetuação do nome de família, a manutenção e transmissão no seu seio dos bens móveis e da terra, embora se anule um pouco o autor de levirato em favor da pessoa do falecido. A possibilidade de passar a terra (*ha-haretz*) de geração em geração garantia uma ligação ao que há de eterno e divino na condição humana.

Uma outra vertente da prática do levirato tem a ver com a protecção das mulheres e principalmente das viúvas. Estas passariam a estar protegidas, pois o sustento e o abrigo era-lhes garantido por alguém que cumpria esse dever, obrigado pelos laços familiares próximos ao falecido. Por conseguinte, a função da mulher como geradora de vida manter-se-ia anulando-se de certo modo a personalidade e os bens do redentor. Este funcionava como representante do falecido que assim mantinha todas as suas prerrogativas como se fosse vivo.

Tanto Rute como Tamar são protagonistas de duas histórias bíblicas de levirato sendo ambas simultaneamente conversas e antepassadas do rei David. No poema de João Pinto Delgado Tamar surge como mãe de Perez ou Pharés ou Faréz assimilado a Boaz, reforçando-se deste modo a genealogia do rei de Israel com duas conversas e com antepassados que descendem pelo lado materno de judias conversas.

Perpassa da escolha destas temáticas um questionamento religioso por parte do autor que assenta principalmente nas suas vivências pessoais em contacto com diversas comunidades de cristãos-novos e judeus. Por outro lado, transparece uma crítica velada contra o rigor reclamado por Esdras e Neemias e por diversas autoridades rabínicas durante a Idade Moderna no que aos casamentos mistos diz respeito.

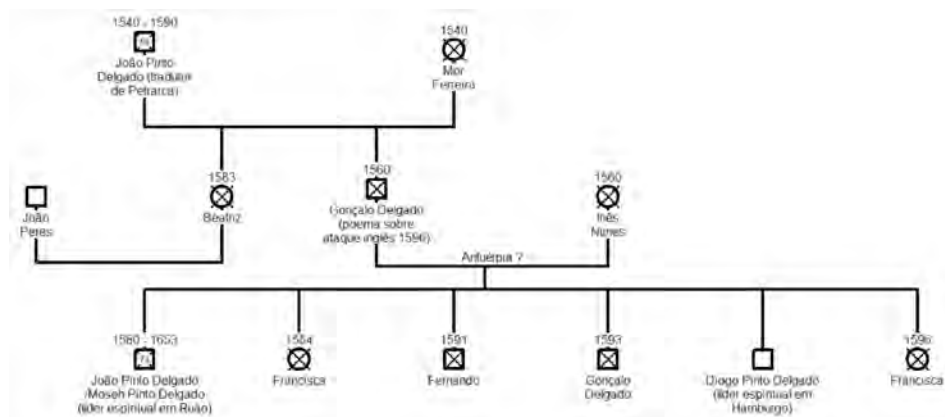
76 Cf. João Pinto Delgado – *Poema de la Reina Ester...*, p. 347.

A modo de conclusão podemos dizer que quando se acredita numa Divindade interventora no dia-a-dia isso tem como consequência a consciência de que tudo tem uma razão de ser, mesmo que não seja compreendido pelos homens.

Rute é considerada por determinados autores como o arquétipo da convertida⁷⁷ e esta sua particularidade coloca lado a lado João Pinto Delgado e a personagem principal, pois ambos possuem um passado converso. O sujeito e o objecto fundem-se numa história comum de conversão. Rute abraça a religião judaica ao casar com o filho de Elimelec, mas mantém os laços ao Judaísmo quando, pelo seu livre arbítrio, segue a sogra Naomi quando esta decide voltar a Belém. Apesar do seu berço ter sido em Moab, a decisão de deixar tudo para trás deve-se em grande medida ao amor que sente por Naomi e por Deus. Neste sentido, a vida de João Pinto Delgado assemelha-se um pouco à de Rute, pois abandonou Portugal para abraçar o Judaísmo, se não em Ruão ou em Antuérpia, pelo menos em Amsterdão.

Ambos saíram do seu país de origem e sentiram-se estranhos em terra estranha tal como referem os seus poemas autobiográficos⁷⁸, contudo o ser peregrino não é uma característica dos conversos, mas da Humanidade cuja jornada de conhecimento pode levar à Terra Santa entendida por uns como a terra do leite e do mel e por outros como a luz divina e o conhecimento supremo das virtudes assumindo uma atitude humilde e de amor para com os homens e para com o Divino.

Genealogia de João Pinto Delgado



77 Cf. Maria Antonieta Garcia – *Judaísmo no Feminino: tradição popular e ortodoxia em Belmonte*. Lisboa: Universidade Nova Lisboa, 2000, p. 80.

78 Publicado em I. S. Révah – *Autobiographie d'un Marrane...*, p. 90-130.